

Como Os Nossos Pais

Aquilo que chega antes de nós

Gosto muito de arte nas suas mais diversas expressões: pintura, poesia, música.

Guardo na memória, letras musicais cantadas por minha mãe, ainda na primeira infância.

*"Estava à toa na vida. O meu amor me chamou. Pra ver a banda passar.
Cantando coisas de amor..."*

Ela não ouvia rádio, mas cantava Jovem Guarda.

Não dançava em festas, mas fazia uns passinhos de Twist na cozinha e contava das roupas da época.

Me encantava.

Me encanta.

Talvez tenha sido com ela que tomei gosto pela arte.

Ou talvez com meu pai, gaiteiro, sanfoneiro.

Contava que, quando menino, nas festas do interior, quando faltavam instrumentos musicais, uma tia batia duas colheres, e o som ritmava a cantoria.

Casei com um músico — por ora aposentado, como costumamos brincar.

Nosso filho do meio, musicista desde muito cedo.

Ou seja, a arte e a música sempre encontraram eco em mim.

Ontem, enquanto tomava banho, todas essas lembranças voltaram.

Foi então que surgiu uma vontade enorme de escrever sobre pais, tempo e aquilo que atravessa gerações.

Volto à música.

Elis Regina cantava Como Nossos Pais.

Renato Russo, Pais e Filhos.

Muitos artistas voltaram seus olhos para as relações parentais.

Cada um à sua maneira.

Alguns falaram das semelhanças.

Outros das rupturas.

Outros, ainda, da delicada herança que recebemos sem perceber.

Há aspectos da experiência humana que não aprendemos por explicações.

Eles nos alcançam de outra forma.

Pelos gestos.

Pelas histórias repetidas.

Pelas músicas cantadas na cozinha.

Quase de passagem.

Depois que mordi a língua

Quando moça, nos arroubos da juventude, pensava — e, às vezes, dizia:

"Quando eu for adulta, há coisas que minha mãe e meu pai fazem que eu jamais farei."

Mordi a língua.

Quantas vezes me peguei fazendo a contagem para um filho que estava
aprontando:

— Se eu chegar no três...

Um...

Dois...

Valha.

Igual à minha mãe.

Ou passar o dia inteiro trabalhando e chegar em casa tão tarde que as crianças
já estavam dormindo.

Igual ao meu pai.

O ano era 1991.

Tínhamos bem menos acesso aos apelos do consumo do que as crianças de hoje.

Ainda assim, aos seis anos, eu tinha um grande sonho.

Uma Caloi Ceci rosa, com cestinha.

Ela ocupava meus pensamentos.

Eu faria qualquer coisa para ter aquela bicicleta.

Até que meu pai fez uma proposta:

— Eu compro a bicicleta.

Mas com uma condição.

— Sem rodinhas.

Aceitei na hora.

Sem titubear.

Sorrio escrevendo, lembrando da alegria que senti quando recebi a notícia.

Coisa boa ser criança.

Eu achava que bastava subir na bicicleta e sair pedalando.

Havia apenas um detalhe.

Eu não sabia andar de bicicleta.

A menina, a bicicleta e a bergamoteira

A bicicleta chegou.

Linda.

Mais bonita do que nos meus sonhos.

No mesmo instante, subi nela.

Equilíbrio?

Zero.

Os dois pés no chão.

Ou melhor, só a ponta dos dedinhos.

Para lá.

Para cá.

Nada de pedalar.

Dia após dia, meu treinamento parecia não evoluir.

Até que, um dia, surgiu uma nova proposta.

Meu pai disse:

— Sobe na bicicleta.

Vou te ensinar a andar.

Confiei.

Montei na magrela.

Na época, morávamos numa casa com um pátio e um terreno em declive.

Ao longo da descida havia algumas árvores frutíferas.

Meu treinamento começou com meu pai segurando o banco da bicicleta.

— Pronta?

Sinalizei que sim.

Ele correu alguns passos, impulsionou a bicicleta e me soltou.

Eu descii ladeira abaixo tentando me equilibrar.

Poucos metros depois, fui parar numa bergamoteira.

Só parei quando um galho me segurou pelo pescoço.

Bicicleta para um lado.

Menina e bergamoteira para o outro.

Senti dor.

Do fracasso por não ter conseguido.

Das escoriações.

Dos espinhos da bergamoteira riscados no pescoço.

Quando as lágrimas estavam prestes a cair, ouvi uma voz grossa:

— Se chorar, tiro a bicicleta.

Engoli o choro.

O tempo reescreveu essa história

Muitas vezes ouvi meu pai recontar essa história como anedota, entre amigos e familiares.

Eu me sentia constrangida.

Cresci.

Tive filhos.

Esses filhos também tiveram suas bicicletas.

E corri, uma, duas, três vezes atrás delas.

Primeiro, duas rodinhas.

Depois, uma.

Por fim, a mãe correndo e gritando:

— Olha para a frente e pedala. Estou segurando você.

Meu pai acompanhou alguns desses momentos vividos entre mim e os netos.

E fui percebendo que, com o passar do tempo, o conto da menina, da bicicleta e da bergamoteira foi mudando de tom.

Perdeu a graça.

Foi ficando diferente.

Parecia carregar um certo arrependimento.

Até que, numa última vez em que contou a história, concluiu:

— Minha cabeça... o cara era burro. Podia ter quebrado a guria. Mas foi assim que me ensinaram.

Muito antes dessa última versão, eu já não me sentia constrangida ou triste.

Eu já tinha entendido.

Ele me deu o melhor que tinha para oferecer naquele momento.

Uma pessoa tentando criar outra pessoa

No consultório, as relações parentais costumam voltar muitas vezes.

Por vezes, rancores, mágoas e desapontamentos são carregados por anos, cuidadosamente acomodados em prateleiras nomeadas *imperdoáveis*.

Não me refiro, aqui, às experiências marcadas por relações traumáticas.

Falo das pequenas coisas.

Daquelas que também interessavam ao meu conterrâneo Mário Quintana.

Ainda que a história da menina, da bicicleta e da bergamoteira seja única, pessoal e subjetiva, os meandros das relações parentais pertencem a todos nós.

Eles nos atravessam pela simples condição de sermos humanos.

Aprendi a andar de bicicleta.

Tive um bom professor.

Com ele aprendi que dar impulso nem sempre significa abandono.

Pode ser uma forma de confiança na capacidade do outro.

O que um dia vi como um empurrão...

Hoje vejo como impulso.

Também aprendi — ou talvez ainda esteja aprendendo — que o tempo tem ritmos diferentes.

Às vezes, ele pede pressa.

Então corremos.

Às vezes, pede calma.

Então caminhamos.

E, às vezes, pede silêncio.

Como uma manhã chuvosa.

Talvez seja justamente no silêncio que nossas versões — como filhos e como pais — sejam atualizadas.

E algumas coisas mudem de prateleira.

Talvez aquela antes nomeada *imperdoável*...

Passe a se chamar:

Uma pessoa tentando criar outra pessoa.